



**«Ele vos mandou pelo mundo universo,  
para dardes testemunho de sua voz,  
por vossas palavras e vossas obras»**

*(Carta a toda a Ordem, 8)*

*A todos os Ministros e  
a todos os irmãos  
de nossa Ordem*

*Estimados irmãos,*

**1.1** Nestes dias o Definitório geral terminou duas semanas de encontros e de reflexão sobre a vida de nossa fraternidade internacional. As nossas reflexões foram enriquecidas pela experiência direta da vida de nossos irmãos com os quais nos encontramos nos Capítulos provinciais e nas visitas pastorais. De fato, nos 18 meses deste sexênio, os Definitórios visitaram quase todas as Circunscrições da Ordem. Eu mesmo encontrei-me com a maioria dos confrades em 80 de quase as 140 Circunscrições de nossa Ordem. Do mês de outubro de 1995 iniciamos os encontros com as Conferências dos Superiores maiores da Ordem.

Estas experiências, os relatórios e as muitas cartas que chegam de toda a parte à nossa Cúria geral nos impelem a escrever-vos para convosco partilhar os problemas e os desafios que consideramos importantes para a vida de nossa Ordem. Ao mesmo tempo, desejamos propor alguns meios para iniciar a formular uma resposta evangélica a estes problemas e desafios, enquanto vivemos os últimos anos que nos levarão ao terceiro milênio.

**«Mostrem-se os irmãos afáveis entre si»**

*(Rb, VI, 7)*

**2.1** O crescimento contínuo do carisma fraterno em nossa Ordem é de importância decisiva. A natureza e as características de nossa fraternidade evangélica constituem a nossa principal preocupação durante as visitas fraternas.

A fraternidade não é somente um dom que nós nos oferecemos mutuamente: é a nossa maneira privilegiada de anunciar o Reino de Deus! Isto requer que nos interroguemos constantemente sobre a qualidade de nossa oração comum, de como progredimos na compreensão recíproca, de como conseguimos ler os sinais dos tempos nos capítulos locais, de nossa colaboração no apostolado, do viver a vida fraterna sem nada possuir, de nossa presença entre os pobres e de nosso compromisso para com eles e também quanto aos demais valores de nossa vida evangélica.

- 2.2 Estamos continuando nosso diálogo com as competentes autoridades da Igreja quanto ao reconhecimento formal do caráter fraterno de nossa Ordem. O Sínodo sobre «*A vida consagrada e a sua missão no mundo*» oferece boas esperanças que a existência e o caráter específico dos Institutos «mistos» possa ser formalmente reconhecida. Esta esperança é confirmada pelo fato que a *Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica* formou uma Comissão com a finalidade de propor a «figura oficial» de um instituto misto. Sentimo-nos gratos à Congregação que um frade de nossa Ordem tenha sido incluído entre os membros dessa Comissão.
- 2.3 Espera-se que o Encontro do próximo mês de setembro sobre «*A vocação capuchinha em suas expressões laicais*» ofereça novo estímulo para o desenvolvimento de nosso carisma fraterno e reflexões mais intensas quanto à realidade do caráter misto de nossa Ordem.

### **«E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo»**

(Testamento, 3)

- 3.1 As *Constituições de 1982* como também os cinco Concílios Plenários da Ordem possibilitam a descrição dos ideais de nossa Ordem com grande clareza, praticidade e precisão. Representam, na verdade, o maravilhoso consentimento que une os frades dispersos em todo o mundo e provenientes de muitas e diferentes culturas. A Ordem beneficiou-se também dos quatro grandes encontros internacionais, realizados após o Capítulo geral de 1982. Destes encontros resultaram programas para a formação inicial nas Províncias que, de fato, comunicam os ideais indicados nas *Constituições*.
- 3.2 Apesar disso, o Definitório geral tem sérias preocupações quanto ao período da formação inicial no pós-noviciado. Os **princípios** das *Constituições* são muito claros quando estabelecem que durante **todo o período** da formação inicial, a formação à vida franciscano-capuchinha e para a vida franciscano-capuchinha deve merecer a **prioridade** (*Const. 30,2*). No entanto, salvas poucas exceções, esta prioridade nunca foi concretizada no período do pós-noviciado.
- 3.3 Em geral continua relativamente inalterável o modelo «seminário» da formação no pós-noviciado, modelo que se centraliza na preparação filosófica e teológica de nossos irmãos que aspiram ao sacerdócio. O crescimento na **maturidade afetiva**, na **fé adulta** e na **interiorização dos valores fraternos e contemplativos** de nossa vida capuchinha vê-se constringida a adaptar-se às estruturas de um crescimento intelectual «seminarístico». Como conseqüência, apenas durante o noviciado concede-se a **prioridade** a estes três aspectos tão importantes para o desenvolvimento da vocação cristã e religiosa.

O Definitório geral está convencido que a experiência da Ordem conduz a estas duas inevitáveis conclusões: o desenvolvimento humano e religioso descrito acima não poderá ser concretizado em um ano; a pressão e o ambiente intelectualizado da universidade ou do «seminário» não criam o ambiente apto a favorecer o crescimento humano e religioso inicial. O Definitório, por outro lado, deseja acentuar seu forte apoio à preparação intelectual dos nossos frades para o ministério sacerdotal e para os serviços na Igreja e no mundo. No entanto, estamos igualmente convencidos que não se deve permitir que isto sufoque o desenvolvimento humano e religioso do qual depende também o intelectual.

**3.4** A maturidade afetiva, o desenvolvimento de uma fé adulta e a interiorização dos valores fraternos e contemplativos de nossa vida capuchinha sempre foram importantes para a nossa Ordem.

No passado, embora os candidatos entrassem mais jovens, procediam de famílias e ambientes sociais mais estáveis e cresciam em comunidades de fé com séculos de tradição cristã.

Nesse contexto social e religioso, a maturidade afetiva e a fé adulta amadureciam naturalmente na estrutura estável e fraterna de nossas comunidades do «seminário». Nesse ambiente, os valores capuchinhos, propostos durante o noviciado, eram interiorizados com maior facilidade. O modelo «seminarístico» de formação religiosa correspondia à necessidade dos candidatos que tinham crescido nesse mesmo contexto social e religioso. Mas esse contexto não existe mais.

O contexto social de nosso mundo, tão diversificado, apresenta peculiares dificuldades para o desenvolvimento afetivo de qualquer pessoa, incluídos as que se sentem chamadas à vida religiosa. Consequentemente, esta experiência complica também as relações fraternas.

A ausência da experiência da dimensão comunitária da vida cristã e a falta da coerente vivência da fé durante longos anos, significa que a experiência de fé não lançou raízes profundas na vida de nossos candidatos. Por estas razões, embora os candidatos se apresentem à nossa Ordem com idade mais madura que no passado, necessariamente se requer para eles um **período mais prolongado** de formação.

A maturidade afetiva, a fé adulta e a interiorização dos valores de nossa vida capuchinha requerem, sem dúvida, mais de um ano. Por isso, nossas *Constituições* sabiamente insistem que a formação em nossa vida e para a nossa vida mereça **absoluta prioridade** durante o período de formação inicial, **incluída a fase do pós-noviciado**.

**3.5** A pressão e a atmosfera da universidade ou do «seminário» não são a estrutura mais apta e favorável ao crescimento adequado e nem tal ambiente oferece os «meios» mais aptos. Estamos convencidos que **os numerosos pedidos de dispensa**, encaminhados nos anos do pós-noviciado e depois dos votos perpétuos, indicam claramente as conseqüências de uma assimilação intelectual dos valores que não conseguiram lançar profundas raízes em uma **experiência vivencial**.

**3.6** Além do mais, o modelo «seminário» da formação no pós-noviciado concretamente causou em nossa Ordem a falta de um programa apto à formação religiosa dos irmãos leigos nesse mesmo período.

Na maioria das Províncias a formação dos irmãos leigos é considerada como um «apêndice» do programa de filosofia e teologia. Pior ainda: em muitas circunscrições os nossos jovens irmãos leigos são enviados às fraternidades sem terem recebido verdadeira e conveniente formação após a experiência do noviciado.

O Definitório geral, após diversas reflexões, julga que as lacunas tão claras na formação religiosa de nossos irmãos leigos aparecem, na mesma proporção, na formação religiosa dos irmãos clérigos, mas que estas são simplesmente encobertas pela «fermentação intelectual» dos estudos filosóficos e teológicos. Consequentemente, os problemas de fé e de afetividade fatalmente aparecerão mais tarde. Cremos também que prosseguir com o modelo «seminário» de formação conduz inevitavelmente à continuação de forte clericalização de nossa Ordem.

**3.7** Não poucas Províncias e Circunscrições iniciaram a programar novos «meios» e estruturas para o período da formação inicial do pós-noviciado. A experiência de tais Províncias parece indicar como importantes os seguintes elementos:

- compromisso de um direto ministério ao povo, especialmente no campo das obras de misericórdia espiritual;
- reflexão norteada com o que significa ser frade menor no mundo de hoje;
- intensa vida fraterna de oração e de vida comum;
- acompanhamento espiritual, semelhante ao do noviciado;
- reflexão teológica regular (por exemplo, semanalmente) feita junto com os irmãos no mesmo período de formação e com o diretor, uma reflexão que vise a integração destes valores em nível de experiência vivencial;
- períodos regulares (por ex., em cada três meses) do retiro espiritual e de oração longe do ambiente de trabalho para favorecer a interiorização da experiência;
- integração e interiorização requerem **tempo** na vida de um frade.

**3.8** Consideradas as razões acima expostas, o Definitório geral propõe que os Ministros provinciais e os irmãos responsáveis pela formação inicial, e especialmente pela do pós-noviciado, iniciem **um estudo destes problemas** em nível de Conferência (ou de inter-Conferências). Enviaremos, em tempo oportuno, a estes irmãos indicações mais específicas e detalhadas. Espera-se que a sabedoria prudencial que emerge de nossa comum experiência possa ajudar a Ordem a desenvolver um programa mais apropriado para o crescimento de uma fé adulta, de uma afetividade madura e da interiorização dos valores franciscano-capuchinhos durante o período do pós-noviciado.

### **«Guardem sempre amor e fidelidade a nossa senhora Santa Pobreza»**

*(Testamento de Siena, 14)*

**4.1** A pobreza evangélica é uma das principais características da presença franciscana no mundo. *Viver* o ideal evangélico de pobreza representa sempre um desafio e um apelo à reforma da Ordem. As nossas *Constituições* oferecem uma maneira concreta de como viver pessoalmente este ideal. No entanto, permanecem diversos e graves problemas quando se trata da vivência *comunitária e institucional* de nosso ideal evangélico de pobreza, problemas estes não suficientemente tratados nas *Constituições*.

**4.2** As *Constituições* indicam um ideal: «*Os frades demonstrem aos homens, por sua própria vida, que pela pobreza voluntária estão livres da cobiça... e da solicitude ansiosa pelo dia de amanhã*» (67,1). Devemos, portanto, viver entregando-nos às mãos da Providência. Além do mais, cabe-nos viver dos resultados de nossos trabalhos e em dependência efetiva do povo a quem servimos. Em que maneira manifestamos concretamente este ideal de depender da providência divina e humana nas condições ambientais e culturais tão diversas nas quais vivemos?

- Nas Províncias que dispõem de modestas entradas em comparação com as despesas, pode-se determinar qual a porcentagem do orçamento pode ser empregada no ano sucessivo. Mas o que significará nas muitas Circunscrições do hemisfério sul onde existe um *normal* «déficit» no balancete ordinário da mesma Circunscrição?
- Quais depósitos são permitidos e necessários para assegurar os cuidados para com os doentes e idosos em um mundo em que nas diversas nações existem grandes diferenças de assistência social?
- E se julgamos justificados os investimentos para garantir um nível de segurança para a formação inicial, para os doentes e idosos, que tipos de investimentos se harmonizam com o nosso carisma?

— Qual ideal de pobreza devemos manter presente quando se trata dos meios que podem ser usados em nossas variadas atividades? A diversidade dos trabalhos freqüentemente ocasionam grandes diferenças no estilo de vida também entre os frades e entre as fraternidades de uma mesma Província.

**4.3** «Cada fraternidade de uma mesma área e também as Províncias da Ordem estejam prontas a partilhar entre si e com outros até mesmo os bens necessários...» (Const. 67,6). Existe, na Ordem, a necessidade de dialogar sobre a solidariedade internacional. As estruturas do passado quanto à solidariedade econômica baseavam-se em conceitos de dependência jurídica. As Províncias eram economicamente responsáveis pelas Custódias ou Missões a elas confiadas.

Uma parte, sempre em aumento, de nossas fraternidades internacionais necessitam de assistência econômica. Ao mesmo tempo, estas Circunscrições não possuem mais vínculos jurídicos e às vezes nem tradicionais com as regiões da Ordem que poderiam ajudá-las. Como, então, podem ser criadas novas estruturas de solidariedade internacional que não demonstrem dependência e nem exijam a inaceitável modalidade da centralização econômica na Ordem? Como se pode dar um testemunho *internacional* inspirando-se no princípio da Regra: «em qualquer lugar em que os frades morarem ou se encontrarem, mostrem-se familiares uns com os outros» (Rb VI)?

**4.4** «Aos pobres anunciaremos de verdade que o próprio Deus está com eles, na medida em que partilharmos de sua própria condição» (Const. 59,8). O desafio de «partilhar de sua própria condição» é muito difícil também nas sociedades que dispõem de normas avançadas quanto ao bem-estar dos próprios cidadãos. Mas quando se usam os critérios e as estruturas das áreas economicamente desenvolvidas para determinar os critérios e as estruturas de outras áreas, impõem-se aos irmãos dessas regiões pesos realmente imaginados. Como podemos então compreender o «partilhar a condição» dos pobres nas sociedades onde pobreza significa total miséria?

**4.5** «Observemos a vida comum e comuniquemos de boa vontade entre nós o que for dado a cada um» (Const. 61,1). Como pode ser enriquecido o testemunho concreto de nossa vida comum com os conceitos dos liames familiares que se manifestam nas culturas da África ou da Ásia em vez dos valores mais individualistas das culturas ocidentais?

**4.6** O V CPO fez a seguinte recomendação: «Para concretizar as Constituições (60,6) sejam favorecidas, de maneira eficaz, as fraternidades de inserção entre os pobres e os marginalizados» (n.º 40). E assim esse Conselho Plenário oportunizou a formação de bom número de fraternidades inseridas entre os pobres. A Ordem pode beneficiar-se muito com a partilha dos desafios e das experiências. É outrossim importante uma avaliação do testemunho evangélico destas fraternidades também do ponto de vista dos outros valores essenciais de nosso carisma, como o testemunho de fraternidade e o testemunho de contemplação.

**4.7** Em razão dos motivos acima expostos, o Definitório geral tenciona convocar um **Conselho Plenário da Ordem** para tratar da pobreza evangélica especialmente em sua dimensão comunitária e institucional. O Definitório geral pensa que um Conselho Plenário seja o meio apto para tratar, de maneira séria e profunda, esse tema que é de importância vital para o ideal franciscano. Cremos que um Conselho Plenário sobre o tema da pobreza evangélica poderá despertar novas energias em nossa Ordem. Depois de uma consulta aos Presidentes das Conferências da Ordem na anunciada reunião no final de agosto de 1996, esperamos convocar esse Conselho Plenário para a segunda metade de 1998.

## «Como os frades devem andar pelo mundo»

(Rb III)

- 5.1** O Evangelho constitui o coração do carisma franciscano: «*Esta é a Regra e Vida dos Frades Menores, isto é, observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo*» (Rb I). O carisma de Francisco, como o de qualquer outro fundador religioso, possui duas dimensões. O carisma revela a visão de fé que Francisco teve de Jesus Cristo. Mas o carisma é também a visão do amor preferencial que Deus mostra pela humanidade e que se revela em Francisco. Francisco vivia profundamente esta realidade: «*Ninguém me mostrava o que eu devia fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou...*» (Testamento).
- 5.2** Quando fala o terceiro milênio, João Paulo II freqüentemente se refere à urgência da evangelização. O papa nos convida a novamente apropriar-nos, com clareza renovada e com nova força, do amor preferencial de Deus pela humanidade, a nós revelado por Francisco.
- 5.3** Jesus se manifestou como servo lavando os pés dos discípulos, confiando aos seus seguidores este gesto como seu solene «mandamento». O capítulo 13 do Evangelho de São João torna-se o modelo definitivo que Francisco propôs aos seus frades não somente como devem tratar-se mutuamente mas também como devem comportar-se em relação ao mundo, i. é, **como frades menores**.
- 5.4** A renúncia de Francisco pelo poder é tão radical como sua renúncia à propriedade. Nós vivemos como frades menores a nossa **vocação contemplativa** de adorar e contemplar se nos tornamos servos dos sinais do Espírito de Deus no meio do mundo: «*Porque Deus, que nos amou primeiro, fala de muitos modos: em todas as criaturas, nos sinais dos tempos, na vida dos homens, em nosso coração e principalmente mediante seu Verbo na história da salvação*» (Const. 45, 2).  
Vivemos como frades menores quando colocamos a nossa vida ao serviço **da paz, da justiça e do respeito pela natureza**: «*O ponto de vista do pobre é o lugar privilegiado do qual um filho de Francisco vê e proclama os valores. A reconciliação e o respeito pela criação são os meios que Francisco nos propõe para chegar à verdadeira paz e à harmonia*» (V CPO, 86).  
Vivemos como frades menores quando nos dispomos a servir a humanidade procurando envolver o mundo em uma **fraternidade universal**. As *Constituições* descrevem a nossa particular vocação sob este aspecto quando dizem: «*Praticando entre nós mesmos a espontaneidade fraterna, vivamos alegremente no meio dos pobres, dos fracos e dos enfermos, partilhando sua vida e mantendo nossa abertura característica em relação ao povo*» (Const. 4,4).
- 5.5** A Ordem capuchinha é um dos poucos institutos religiosos que se difundiu em todo o mundo. Este dom da universalidade, que o Espírito Santo a transformou em característica privilegiada da Ordem na época moderna, nos oferece a experiência de variada gama de desafios evangélicos. Ao mesmo tempo, este dom da universalidade traz consigo a especial responsabilidade em formular respostas evangélicas por palavras e obras, respostas que sejam coerentes com o nosso carisma.
- 5.6 Viver a fraternidade evangélica como menores:**
- 5.6.1 Em um mundo secularizado** — Muitos frades podem descrever com clareza os efeitos negativos do secularismo em seus vários aspectos: na decrescente prática religiosa, na falta de consenso quanto às opções morais particularmente críticas, na diminuição das vocações à vida consagrada e na extinção de muitos dos

nossos trabalhos apostólicos tradicionais na sociedade e na Igreja. Exatamente no meio desta realidade de secularismo a nossa Ordem deve apresentar-se como Jesus se apresentou na Galiléia «pregando a Boa Notícia de Deus» (Mc 1,14). É por isso que fomos chamados a ser fermento evangélico no meio da sociedade secularizada. Ao mesmo tempo, devemos encontrar alimento e inspiração para nossa fé exatamente nos sinais de alienação que nos circundam.

**5.6.2 Entre a população muçulmana** — Como franciscanos partilhamos a vida com os povos islâmicos por mais de setecentos anos. Hoje o Islão constitui uma presença e um desafio para o mundo inteiro. Pode o nosso carisma de fraternidade e de minoridade capacitar-nos a encontrar uma nova unidade no comum esforço em favor da humanidade sofredora e na nossa comum fé em um único e verdadeiro Deus?

**5.6.3 Em ambientes ortodoxos** — A queda quase espontânea dos regimes totalitários comunistas improvisamente possibilitou nossa presença em regiões e ambientes de antiga tradição cristã ortodoxa. Nestas nações as Igrejas ortodoxas estão emergindo dos anos de opressão, de supressão e de submissão política. Por isso, estamos sendo desafiados a oferecer a riqueza de nossa tradição franciscano-evangélica a esses países, sempre respeitando as antigas tradições cristãs que nos precederam.

**5.6.4 Em um contexto pluri-religioso** — A Ásia, como sabemos, foi o berço das grandes religiões. E a Ordem, especialmente nesse Continente, está saindo da fase missionária e procurando sua identidade cultural em uma sociedade pluri-religiosa, na qual o cristianismo constitui uma minoria. Este é um desafio único para enriquecer e sermos enriquecidos através do contato com as grandes religiões mundiais.

**5.6.5 Nas jovens Igrejas** — Em muitas áreas do mundo a vida fraterna esteve subordinada à responsabilidade missionária de implantar a estrutura da Igreja. Tal fato explica porque as jovens Circunscrições da Ordem, especialmente na América, Ásia e África, empenharam-se nas estruturas paroquiais e diocesanas da Igreja. No momento em que estamos deixando nosso passado missionário, é importante descobrir que a mesma fraternidade é uma força evangélica para a Igreja e para o mundo. Tal constatação que convida, partindo da perspectiva da fraternidade, a novamente examinar nossa presença nas estruturas paroquiais. Desafia-nos também a refletir mais e melhor em outras dimensões carismáticas da nossa vocação franciscana e em como podem enriquecer a vida da Igreja local.

## **5.7 A nossa resposta a estes desafios evangélicos possui duas importantes dimensões:**

**5.7.1** Nenhum desafio evangélico se apresenta do mesmo modo nas diversas partes do mundo. Por isso, a nossa resposta deve ser adaptada a cada Igreja particular. O V CPO pediu que as Circunscrições da Ordem formassem «um plano pastoral, no qual se enuncie com clareza a nossa nova presença apostólica no mundo» (nº 52; cfr. *Carta-programa do Definitório geral «Passar aos fatos...»*, de 02.02.1989). Muitas Circunscrições da Ordem responderam com atenção e carinho a este apelo. Como resultado, a maior parte das Províncias programou ou está elaborando um plano pastoral. Tanto a fase de formulação como os projetos realizados apresentam grande valor como resposta que a nossa fraternidade internacional deve dar ao desafio da evangelização.

**5.7.2** Como o Espírito Santo nos constituiu uma fraternidade universal, a nossa resposta evangélica deve possuir **uma visão universal**. A nossa Ordem encontra-se diante dos grandes desafios da evangelização de nossa época, que surgem ora

em uma ora em outra parte do mundo. Todavia, uma só Província, por causa dos limitados confins geográficos e da exiguidade dos meios, nem sempre poderá possuir uma visão universal da evangelização.

**5.8** Em vista das motivações acima expostas, o Definitório geral julga que a Ordem inteira pode beneficiar-se se as diferentes Conferências ou áreas da Ordem decidem organizar **encontros regionais** sobre os grandes temas da evangelização, tal como são sentidos nas próprias Conferências ou áreas. Apresentamos apenas alguns exemplos:

**5.8.1** A secularização da sociedade é um fenômeno presente em todo o mundo. Todavia tal presença se diferencia quanto ao conteúdo e à modalidade. Poucos poderiam negar que o secularismo, considerado em si mesmo ou como dimensão da sociedade «pós-moderna», talvez teve sua maior influência na Europa norte-ocidental. A Ordem inteira poderia beneficiar-se da reflexão, inspirada na fé, desses irmãos que, como menores, tiveram a experiência de vida evangélica nessas regiões.

**5.8.2** O Islamismo é uma importante realidade em cada continente. No entanto, os nossos irmãos que vivem em nações islâmicas possuem uma experiência intensa e, freqüentemente, difícil da realidade islâmica. Um encontro dos irmãos que vivem nesses países não poderia ajudar a nossa fraternidade internacional a iniciar uma nova maneira de compreensão e de respeito por uma das grandes religiões do mundo?

**5.9** O Definitório geral está pronto a colaborar com as Conferências ou grupos de Conferências que procurarem elaborar um projeto ou uma visão de evangelização que se lance além dos confins das Províncias. Cremos que este seja uma contribuição valiosa à tentativa da Ordem em concretizar seu papel na missão da Igreja de proclamar, com palavras e obras, a sua fé em Cristo, nosso Salvador.

### Conclusão

**6.** De acordo com as finalidades do *Estatuto geral das Conferências*, aprovado durante o Capítulo geral de 1994, o Definitório geral convocará uma reunião dos Presidentes das Conferências da Ordem para o final de agosto de 1996. O Definitório geral deseja ouvir as observações e as sugestões das Conferências sobre estes importantes temas que interessam a vida de nossa Ordem no mundo. Gostaria que houvesse discussões e diálogos sobre esta temática entre os irmãos da Ordem e os Ministros. Juntos desejamos discernir, sempre com maior clareza, o papel de nossa fraternidade na Igreja e no mundo.

Roma, 02 de fevereiro de 1996,  
festa da Apresentação do Senhor.

Fraternalmente,



*John Corriveau*

frei John Corriveau, OFM Cap.  
Ministro geral